

Narrativa e blog na contemporaneidade: o olhar das crianças na pesquisa

Adriana Hoffmann Fernandes
hoffadri58@gmail.com.br – UNIRIO

Um dia o rei teve uma ideia. Era a primeira da vida toda, e tão maravilhado ficou com aquela ideia azul, que não quis saber de contar aos ministros. Desceu com ela para o jardim, correu com ela nos gramados, brincou com ela de esconder entre outros pensamentos, encontrando-a sempre com igual alegria, linda ideia dele toda azul. (Colassanti, 2003)

Resumo

O artigo propõe-se a apresentar um dos achados da pesquisa de Doutorado da autora. Nesse sentido coloca em diálogo a concepção de narrativa tradicional de Walter Benjamin e a perspectiva trazida por Silviano Santiago que, ao dialogar com Benjamin, destaca um novo modo de entender o narrador na contemporaneidade por ele nomeado de “narrador pós-moderno”. O diálogo dos autores é o mote para a reflexão sobre a concepção que as crianças trazem do que são as narrativas nas recorrências surgidas nos diferentes campos da pesquisa (escolas pública, particular, espaço cultural e blog) para depois focar em especial um dos campos – o blog - em que se apresenta uma análise das postagens realizadas pelas crianças. Tal debate entre os autores sobre a narrativa junto ao que aponta Ana Maria Nicolacci em seus estudos sobre blogs fundamenta a análise das produções e falas das crianças a respeito de como viveram o processo de escrita no blog trazendo reflexões sobre as questões associadas a narrativa na contemporaneidade. As crianças pesquisadas apontam os sentidos do escrever, narrar, informar e suas nuances e nos fazem pensar nos desafios que as novas mídias trazem para a escola e demais instâncias formadoras da sociedade.

Palavras-chave: Narrativa. Crianças. blog.

Narratives and blogs on contemporaneity: Children's point of view on the research

Abstract

The aim of this article is to present one of the findings of the author's Phd research by creating a dialogue between Walter Benjamin's traditional concept of narrative and another perspective brought up by Silviano Santiago, who, in his dialogue with Benjamin, calls attention to a new way of understanding narratives on contemporaneity, which he calls "the post-modern narrator". The dialogue between the two authors is the motto for considering children's conceptions on narratives in recurrences that come about in different fields of research (public schools, private

schools, cultural spaces, and blogs) in order to focus afterwards on one of these fields - blogs - in which the children's posts will be analyzed. This sort of debate between authors on narrative together with Ana Maria Nicolacci's observations in her research on blogs makes up the basis of the analysis on children's productions and speech regarding how they experienced the writing process in the blogs. This reflection will bring about questions on narrative in contemporaneity. The children researched suggest meanings in writing, narrating, informing and nuances and in making us go into greater consideration on the challenges that new media bring to the school and other kinds of educational institutions in society.

Keywords: Narratives. Children. blogs.

Introdução

Marina Colassanti fala, em seu conto, de um rei que não contava aos outros a sua “linda ideia toda azul” guardando-a, por fim, numa sala secreta. Esse conto faz pensar sobre o que significa contar sua ideia, sua história sendo narrador nos dias de hoje. Para que narramos? Que contornos a narrativa vem adquirindo ao longo do tempo? Que questões trazem as crianças como elementos para nossa reflexão sobre a narrativa na contemporaneidade?

Neste artigo, trago alguns dos achados de minha pesquisa de doutorado. A investigação ocorreu em quatro campos de pesquisa: escola pública, escola particular, espaço cultural e blog e teve como objetivo entender a relação das crianças com as diferentes narrativas da atualidade em suas diferentes mídias. Coerentemente com a abordagem teórico-metodológica, o estudo foi desenvolvido por intermédio de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico através de oficinas de troca e produção de narrativas, coleta de posts em blog e entrevistas.

Proponho-me nesse artigo a discutir a concepção de história surgida nos diferentes campos da pesquisa pelo olhar das crianças, focando em especial os achados de um desses campos: as postagens das crianças no blog. Nesse sentido, procuro discutir a concepção de narrativa tradicional de Walter Benjamin e a perspectiva trazida por Silviano Santiago em diálogo com Benjamin a respeito do “narrador pós-moderno”, fazendo relações com as produções e falas das crianças a respeito de como viveram o processo de escrita no blog. Tal debate entre os autores sobre a narrativa junto ao que aponta Ana Maria Nicolacci em seus estudos sobre blogs fundamenta a análise das produções e falas das crianças a respeito de como viveram o processo de escrita no blog trazendo reflexões sobre as questões associadas à narrativa na contemporaneidade.

A concepção de infância que guiou a pesquisa implicou entender as crianças que dela participaram como coautoras, sujeitos que negociam, compartilham e criam culturas. No

momento atual, em que a revolução tecnológica vem ocasionando mudanças nas maneiras das pessoas se relacionarem cotidianamente com o conhecimento e a cultura, causando perplexidade e insegurança nas gerações mais velhas, é quase um imperativo desenvolver pesquisas com crianças e não sobre crianças.

Canclini (2005) dialoga conosco ao focar a cultura na ótica da interculturalidade, entendendo-a como um processo de mudança e não como um “pacote de características fixas”. Por esse motivo, o autor opta por nomeá-la pelo adjetivo, tal como discute Appadurai (*apud* CANCLINI, 2005), já que o adjetivo traz de forma mais abrangente esse sistema de relações de sentido que identificam “diferenças, contrastes e comparações” que compõem “o cultural”. Ao propor estudar o cultural, o autor abarca um conjunto de processos, através dos quais dois ou mais grupos representam e intuem imaginariamente o social, concebem e geram as relações com os outros. O cultural da infância existe nos espaços em que as crianças se constituem ao criarem sentidos para a sua experiência de infância.

O espaço do bloguinho – como campo de pesquisa - constituiu-se num desses espaços. O bloguinho está associado ao site do Jornal O Globo e as crianças participam através de um concurso de textos promovido pelo Globinho¹. A cada três meses participavam cerca de seis crianças postando textos semanais. A escolha dos temas era feita pelas próprias crianças sem interferência da editora. Para a pesquisa, foram analisadas as produções das crianças de dois grupos no ano de 2007 e de um grupo do primeiro semestre de 2008. Assim, tivemos ao todo postagens de cerca de 18 crianças com escrita de textos semanais ao longo desse período investigado. O material postado pelas crianças foi analisado e, posteriormente, algumas dessas crianças foram entrevistadas a respeito de como percebiam a experiência vivida no blog e a existência ou não de sua dimensão narrativa. A editora também foi entrevistada acerca dos modos de encaminhamento do trabalho junto às crianças.

O que é ser narrador hoje?

Para refletir sobre o narrador na contemporaneidade coloco em diálogo o pensamento de Walter Benjamin e Silviano Santiago em relação ao narrador tradicional e ao narrador pós-moderno. Benjamin (1994) aponta que a narrativa tradicional ocorre na troca de

1 O bloguinho do Globo pode ser acessado pelo endereço <http://oglobo.globo.com/blogs/bloguinho/> estando on-line e ativo até os dias atuais.

experiências, nessa passagem da experiência de uma pessoa para outra. Segundo ele, os narradores se constituíram através de dois estilos de vida: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. O primeiro, por viver há muito tempo em sua terra, conhecia-a bem e sabia contar suas histórias e tradições, o segundo, por viajar muito e conhecer diferentes lugares, tinha sempre muito o que contar dos povos e lugares visitados. Para Benjamin, a narrativa só pode ser compreendida se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos de narradores. A narrativa está relacionada ao espaço e ao tempo do contar e do viver e ocorre na oralidade. Uma das características dos narradores tradicionais é o senso prático. Narrador é aquele que, ao contar, sabe dar conselhos, sendo o conselho uma das formas de comunicar ao outro sua experiência. Benjamin considera que o narrador retira da sua experiência o que narra. A narrativa é então um recontar, um passar adiante a experiência vivida por meio das histórias, contadas oralmente. A narrativa – nesse contexto - é democrática, contada e ouvida por todos e não requer muitas aprendizagens para sua difusão.

No entanto, com a chegada da imprensa, surge o romance - nova forma de contar histórias - que tem na escrita a modificação da forma de narrar da oralidade, pois já traz, a partir da sua impressão, novas características. Uma delas se refere justamente ao fato de ser impresso. Com a impressão sua difusão está restrita aos que dominam a leitura e a escrita e, em vez de pautar-se numa transmissão coletiva e oral, ocorre de forma individual. Da mesma maneira, o romance não fala mais de forma exemplar sobre as preocupações do narrador e nem dá conselhos ao leitor. Para Benjamin, o romance e mais tarde a informação trazida nos jornais, não trazem esse caráter vivo da experiência do contador, expressa principalmente pelo conselho, já que ele não dialoga com a experiência do ouvinte estabelecendo uma troca no momento da narração das histórias. O narrador é, segundo ele, um homem que sabe dar conselhos e os conselhos se perdem nesse novo contexto.

Benjamin (1994) reflete que o romance, fortalecido pela técnica da imprensa, prende a história nas páginas do livro definindo seu final diversamente da narrativa que deixa o final em aberto. O romance tem fim: quando as páginas do livro terminam, a história acaba, obrigando o leitor a refletir sobre o sentido da vida. São ideias que permanecem idênticas à forma como foram escritas. Já a narrativa, na concepção de Benjamin, é como os contos de Sherazade, que permitem sempre a sua continuidade numa outra história que não envelhece e nem se distancia do ouvinte.

Quem seria o narrador hoje? Considerando que o narrar na atualidade – depois de todas as mudanças históricas vividas - não acontece apenas de forma oral e já traz a dimensão da escrita, da imagem e das várias formas de narrar que foram sendo incorporadas ao nosso contar hoje, quem seria esse narrador?

Mais do que o romance, Benjamin nos fala que a imprensa trouxe também outra forma de comunicação que modificou a presença da narrativa na sociedade: a informação. A informação presente nos jornais e - hoje na mídia em geral - transforma ainda mais o caráter do saber e a relação com a narrativa, pois, devido à informação, o saber que vem de longe passa a encontrar menos ouvintes do que a informação sobre acontecimentos próximos. O saber de longe tinha, segundo Benjamin, a autoridade da experiência que a informação não tem mais. Ela aspira a uma verificação imediata e só tem valor se for verdadeira, verificável. Na narrativa tradicional não se tinha essa preocupação com a verificação. Segundo ele, a arte da narrativa hoje é rara devido a essa difusão da informação. Assim Benjamin afirma que sabemos informações do mundo todo, mas somos pobres em histórias surpreendentes.

Na informação, os fatos já vêm com explicações enquanto que a arte narrativa está justamente em evitar explicações, em possibilitar que o ouvinte interprete a história como quiser e, assim, o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. Além disso, a informação por ter que ser verificável é fugaz, passageira, precisa ser logo substituída por outra, mais nova e mais verdadeira. A narrativa tradicional não está interessada em transmitir todas as circunstâncias em que um fato ocorreu, mas sim a experiência advinda dele e, por isso, está sempre mergulhada na vida do narrador e nunca será impessoal. A informação trouxe com ela uma nova relação com o tempo, um tempo que passa rápido e um tempo que não comporta a narrativa nesse processo do compartilhar com o outro.

Santiago (1989) faz sua discussão do narrar nos dias atuais tendo como base o conceito de narrativa discutido por Benjamin que traz em seu bojo, como discutimos, o conceito de experiência. Sua discussão pauta-se na questão: quem narra uma história é quem a experimenta, ou quem a vê? Ou seja, é aquele que narra ações a partir da experiência que tem delas, ou é aquele que narra ações a partir de um conhecimento que passou a ter delas por tê-las observado em outro? No primeiro caso, o narrador passa uma experiência que ele próprio viveu, no segundo a informação obtida pela observação da experiência vivida por outrem. Enquanto no primeiro caso o que ele narra provém de dentro da ação, no segundo ele está fora da ação. Como diz o autor:

No primeiro caso, a narrativa expressa a experiência de uma ação; no outro, é a experiência proporcionada por um olhar lançado. Num caso, a ação é a experiência que se tem dela, e é isso que empresta autenticidade à matéria que é narrada e ao relato; no outro caso, é discutível falar de autenticidade da experiência e do relato porque o que se transmite é uma informação obtida a partir da observação de um terceiro. O que está em questão é a noção de autenticidade. Só é autêntico o que eu narro a partir do que experimento, ou pode ser autêntico o que eu narro e conheço por ter observado? Será sempre o saber humano decorrência da experiência concreta de uma ação, ou o saber poderá existir de uma forma exterior a essa experiência concreta de uma ação? Um outro exemplo palpável: digo que é autêntica a narrativa de um incêndio feita por uma das vítimas, pergunto se não é autêntica a narrativa do mesmo incêndio feita por alguém que esteve ali a observá-lo. (SANTIAGO, 1989, p. 35)

O mundo contemporâneo aponta que a ordem da experiência mudou. E mudou também a forma de narrá-la. No entanto, Santiago discute se a narrativa (que agora deixa de ser apenas oral) pode se apoiar em situações vistas e não vividas pelo narrador. Considerando que o tempo mudou e está acontecendo de forma mais fragmentada e rápida é lícito questionar junto com Santiago de que modo a forma de narrar se expressa atualmente. A narrativa pós-moderna, por acontecer num contexto de tempo curto e não trabalhar com esse tempo do contar num mesmo tempo e espaço como afirmava Benjamin, pode trazer uma outra dimensão de autenticidade que agora tem uma participação da informação ao valorizar o acontecimento visto e não elaborado a partir do vivido. O acontecimento narrado pela experiência do narrador tradicional só tem valor a partir da elaboração que este narrador faz do vivido. A informação privilegia o acontecimento sem os sujeitos que o viveram e, de acordo com o que reflete Santiago, o narrador pós-moderno seria aquele que conta o que viu e, portanto, conta como um observador que, por não participar diretamente da situação, não elabora a partir dela uma experiência e também não pode aconselhar sobre o que conta, pois não viveu tal experiência diretamente.

Santiago (1989) diz que o narrador atual, "pós-moderno", é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante. Segundo ele, é esse movimento de rechaço e de distanciamento que torna o narrador pós-moderno.

Para Benjamin, o principal eixo em torno do qual gira o "embelezamento" (e não a decadência) da narrativa clássica hoje é a perda de sua "dimensão utilitária". O narrador clássico tem "senso prático", pretende ensinar algo. Para Benjamin, quando o camponês

sedentário ou o marinheiro comerciante narram, respectivamente, tradições da comunidade ou viagens ao estrangeiro, eles estão sendo úteis ao ouvinte e essa utilidade da narrativa pode consistir seja num ensinamento, numa sugestão prática, num provérbio ou numa norma de vida, ou seja, de qualquer maneira, “o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1994, p. 200).

Santiago ao falar do narrador, no entanto, deixa claro que está utilizando o conceito de narrador de forma diferente de Benjamin. Minha intenção no diálogo com os autores é pensar as dimensões da narrativa em todas as suas formas: imagem, oral, escrita, via internet etc. Considerando que a narrativa clássica (baseada na oralidade) modificou-se desde o surgimento da narrativa escrita e mais ainda, depois do surgimento da internet, percebemos que não parece ser pacífica a questão da narrativa ter se perdido totalmente. Até mesmo as mídias sociais da atualidade enfatizam esse conhecer a experiência de si e do outro de uma perspectiva diferente da vivida pela narrativa oral. Silviano comenta que se pode dizer que o narrador da atualidade se relaciona com o outro para levá-lo a falar (entrevista), já que ali não está para falar das ações de sua experiência, mas das ações da experiência desse outro. Subtraindo-se à ação narrada pelo conto, o narrador identifica-se com um segundo observador - o leitor. Ambos, segundo ele, encontram-se privados da exposição da própria experiência na ficção e são observadores atentos da experiência alheia. Na pobreza da experiência de ambos revela-se a importância do personagem na ficção pós-moderna; narrador e leitor se definem como espectadores de uma ação alheia que os empolga, emociona, seduz, etc. Como ele diz: “Não é importante a retribuição do olhar. Trata-se de um investimento feito pelo narrador em que ele não cobra lucro, apenas participação, pois o lucro está no próprio prazer que tem de olhar.” (SANTIAGO, 1989, p.40)

O que Benjamin nos ajuda a pensar e que Santiago com sua reflexão complementa é essa percepção de que o narrar se modifica historicamente e que cada nova forma de narrar traz consigo novos desafios. Isso nos faz pensar que a ordem do narrar mudou muito e continua mudando ainda mais hoje. A mídia que envolve cada vez mais nosso cotidiano é uma das responsáveis por essa mudança das formas de narrar.

Assim como o advento da imprensa trouxe o romance e a informação surgindo duas novas formas de narrar e dois novos ofícios, o do escritor e o do jornalista, a cada nova mídia criada, novas formas de narrar surgem e novos ofícios configuram essas formas de narrar específicas. O filme, o seriado, a novela, o desenho animado, a história em quadrinhos, as redes

sociais são todas formas de narrar da contemporaneidade que têm seus formatos específicos. No entanto, nenhuma delas existe hoje isoladamente e nenhuma supera ou é melhor do que a outra. Elas são contemporâneas, dialogam e alimentam-se mutuamente. A interação presente na narrativa, ou melhor, a busca desta pode ser o que alimenta qualquer das narrativas discutidas pelos autores. De que forma as crianças abrem a sala secreta das suas narrativas e passam adiante suas ideias?

O que é história para as crianças?

Para mim uma história é qualquer coisa que aconteceu e está sendo contada. Pode ser real ou não, pode ser divertida, dramática, triste, policial, etc. Pode ser legal ou até chata. (Tom- bloguinho)

Uma história são diversas palavras que contam algum acontecimento ou a imaginação de alguma pessoa... fazendo estas coisas que não existem... contos de fadas... Mas tem algumas que aconteceram mesmo! (Victor- escola particular)

É assim quando acontece alguma coisa... e passa um tempo aí os outros falam para mim aí parece uma história... Tipo um livro assim... (Guilherme-escola pública)

História é quando você conta uma coisa que aconteceu... Ou aconteceu realmente ou você está inventando... (Luiza – espaço cultural)

A ideia de que “história é uma coisa que aconteceu” e que “alguém conta” aparece nas falas das crianças dos diferentes campos pesquisados. Além disso, vem associada a essa concepção, a ideia de que as coisas contadas podem ser coisas reais, “que aconteceram mesmo”, ou coisas inventadas, “da imaginação de alguma pessoa”... A noção de história trazida pelas crianças supõe a ideia de um narrador, um contador de histórias que conta o que aconteceu. Pelo que dizem as crianças esse “contar” pode ocorrer oralmente (“passa um tempo e os outros falam para mim...”), pode ser escrito (são palavras que contam algum acontecimento), pode ter um veio policial, dramático, divertido, triste, pode ser legal ou chata.

Percebe-se nas situações abaixo que as crianças concebem como história tanto o que é verdadeiro, como o que é fantasia, invenção, fruto da imaginação traçando diferenças a respeito dessas duas formas de relação com o contar.

BERNARDO: Os meus são livros de aventura... E a história do Robinson Crusóé é muito boa, muito interessante...

PESQ: Alguém conhece a história do Robinson Crusóé?

OUTROS: Não...

BERNARDO: É muito boa...

PESQ: Então conta um pouquinho para a gente...

BERNARDO: Ele é um náufrago... O navio afunda e ele vira um náufrago e vai nadando até uma ilha... deserta com o que ele consegue salvar... Aí ele monta um acampamento, acha um cachorro que vira amigo dele e acha um índio que ele chama Sexta-feira porque conheceu numa sexta-feira... E ele sabe exatamente quanto tempo ele está perdido porque ele tem uma estaca e assim, um dia ele faz um corte, uma semana ele faz um corte um pouco maior, um mês um pouco maior e a cada ano maior ainda...

JULIA: Quanto tempo ele ficou perdido?

BERNARDO: Não tenho certeza quantos anos ficou... Acho que mais de 10 anos...

FREDERICO: Essa história é verdadeira?
(Escola particular)

LUIZA: Tem muitas [histórias] nos filmes. Mas nem sempre todas são verdadeiras.

PESQ: E qual a diferença entre uma história que é verdadeira e uma história que não é verdadeira?

HELENA: A que não é verdadeira geralmente é inventada. Aí tem contos de fada... Animais com características humanas...

LUIZA: São coisas que não existem. Histórias reais contam o que existe, que acontece na realidade... Tem até filme que é baseado em uma história real.

HELENA: Eu, eu também já vi um filme, por exemplo, que trata de uma história real – eu não lembro do nome do filme – o cara, o moço tem um filho... ...isso aconteceu na realidade, mas é feito por atores. Aí ele chega para assaltar o hospital, roubar o hospital, chega a enfrentar policiais para poder fazer um transplante de coração para o filho viver. É tirado de uma história real.

PESQ: É tirado de uma história real, mas o que eles contam ali não é exatamente...

LUIZA: É, porque eles acrescentam coisas.

HELENA: Não é exatamente como aconteceu e também não é com as mesmas pessoas. São os atores que fazem os filmes.
(Espaço cultural)

Enquanto para crianças de algumas gerações anteriores, história remeteria aos contos de fadas, às fábulas, aos contos populares, à ficção, pelos depoimentos percebeu-se que, para essas crianças não há diferença entre esse tipo de história e a “história” que vem da informação. A noção que as crianças apresentam sobre a diferença entre a história “verdadeira”

e “inventada” pode nos remeter ao contato delas com a informação, que traz, como diz Benjamin (1994), essa dimensão de “realidade” verificável. Entretanto, enquanto Benjamin contrapõe a narrativa à informação, mostrando que, esvaziadas da experiência e não tendo o que trocar, as pessoas passavam a lidar individualmente com a informação, essas crianças não parecem relacionar-se com a informação na perspectiva discutida pelo autor. Guardadas as devidas proporções, as notícias com as quais tais crianças têm contato cotidiano, através das diferentes mídias, são trocadas, recontadas, compartilhadas como ocorreu nos campos em que a pesquisa foi desenvolvida.

Tanto as histórias transmitidas pela cultura letrada, quanto as que vêm das notícias, ligadas normalmente às mídias audiovisuais, fazem parte desse universo de histórias que as crianças nomeiam como “coisa que aconteceu e que é contada”. Assim, todos os acontecimentos “reais ou imaginários” podem ser contados em forma de história sendo em que formato for: notícia, quadrinho, filme, entre outros. O que define se algo “pode ser história ou não” não é sua forma de contar ou passar adiante a história, mas o seu acontecimento mesmo.

LUIZA: Mesmo que o filme conte histórias que aconteceram na vida real, mas com outros atores, sinceramente, eu acho que não é a mesma coisa. Não tem nem um pouco de igualdade com o que aconteceu na realidade, porque às vezes alguém viu, viu uma notícia que aconteceu, mas não viu como que aconteceu porque não viu ali de frente, de perto. (Espaço cultural)

Quando Luiza se refere ao “filme que conta histórias que aconteceram na vida real”, a menina parece considerar o filme como fantasia dizendo que “ele não tem igualdade com o que aconteceu na realidade” porque só quem viveu pode contar como foi “porque viu como que aconteceu”, indicando que entende que os filmes podem contar histórias que aconteceram, mas que os que os produzem nem sempre estavam lá para “ver de perto” como os fatos se deram.

Para Benjamin (1994), a narrativa tradicional ocorre na troca de experiências, nessa passagem da experiência de uma pessoa para outra. A narrativa é então um recontar, um passar adiante a experiência vivida por meio das histórias contadas oralmente. A fala das crianças aponta que podemos dizer que esse recontar sobrevive, mas que parece acontecer de outra forma. As pessoas recontam não o que viveram, como o narrador descrito por Benjamin que trazia para o relato sua experiência que era complementada pela experiência da comunidade de ouvintes. Hoje, como diz Luiza, referindo-se ao filme que, segundo Helena também conta histórias reais, não há ali muitas vezes “nenhuma igualdade com a realidade” porque, para isso, seria necessário que a pessoa tivesse visto o que aconteceu. A visão, o ver, e não o lembrar

parece estar no cerne da narrativa que traz o que aconteceu. Se ela não foi vista, como a história de Robinson Crusóé, contada por Bernardo, ela não é verdadeira. É uma outra ideia de narrativa e outra ideia de experiência muito associada a imagem, ao ver.

Santiago (1989) ao questionar se quem narra uma história é quem a experimenta ou quem a vê nos ajuda a pensar sobre a fala dessa menina. O autor discute que no primeiro caso o narrador transmite uma experiência e no segundo uma informação sobre outra pessoa ou sobre algo que viu ou observou. Sendo assim pode-se narrar uma ação de dentro dela (quem viveu o acontecimento) ou de fora dela (quem viu acontecer). O narrador pós-moderno é aquele que narra como um repórter ou um espectador, de fora, alguém que narra a ação enquanto espetáculo a que assiste da platéia, da arquibancada, não narra como atuante. É dessa narrativa que as crianças parecem estar falando, uma narrativa de quem conta distanciado da experiência de quem viveu “de perto”.

No ponto de vista de Benjamin, a narrativa só pode ser assim nomeada quando a coisa narrada é mergulhada na vida do narrador, mas se a coisa narrada existe como puro fato em si ela é informação sendo exterior à vida do narrador. Santiago afirma que, diferentemente deste narrador de que fala Benjamin, o narrador atual é alguém que está ali para informar sobre o que acontece. Ele é quem se interessa pelo outro e se afirma como narrador à medida que lança um olhar ao seu redor acompanhando seres, fatos, incidentes e narrando-os a partir do seu olhar de hoje. Narrador é aquele que olha e narra a partir desse olhar.

Santiago comenta que nessa narrativa pós-moderna a sabedoria apresenta-se de modo invertido. É como se o narrador dissesse: “deixe-me olhar para que você também possa ver.” Narra-se como quem filma uma história da TV, filme etc. Narrador é aquele que mostra visualmente o que a câmera vê com sua lente. O olhar, o ver tem mais valor do que o viver a situação. Talvez “o ver” na contemporaneidade seja uma outra forma de viver pela visão que já começa a configurar uma outra forma de narrar. O vínculo na atualidade com a imagem da fotografia ou com o vídeo aponta esse vínculo da narrativa com a imagem, com o ver como aspecto imprescindível do contar.

Gagnebin (2007), refletindo sobre os estudos de Benjamin, afirma que a tarefa da rememoração presente na narrativa de que fala Benjamin é tarefa do poeta e também do historiador. A autora aponta que hoje, ainda, literatura e história enraízam-se no cuidado com o lembrar (para reconstruir um passado ou resguardá-lo da morte). Podemos ler as histórias que a humanidade se conta a si mesma como fluxo constitutivo da memória e, portanto, de sua

identidade oscilando entre a lembrança e o esquecimento que se encontram no âmago da narração. Narra-se para não esquecer... Assim, as coisas só estão ali presentes porque são ditas em sua ausência.

No entanto, esse narrar o passado já não se apresenta da mesma forma hoje. O narrar pode incluir o passado, mas não se restringe a ele trazendo para a dimensão narrativa também o presente que adquire valor por ter sido visto por alguém. As histórias de que falam as crianças estão em muitos e diferentes suportes e parecem ganhar autenticidade pela forma como são contadas: visualmente.

Segundo Maria Immacolata Lopes, na introdução do livro “Os exercícios do ver” (MARTIN-BARBERO, 2001), as práticas culturais da memória, do saber, do imaginário e da criação sofrem hoje uma reconstituição significativa em função das novas percepções e sensibilidades construídas com base na tecnicidade e na visualidade. Segundo a autora, o sentido instrumental da técnica, identificado como aparato, como objetivação da técnica nas máquinas ou produtos, não cabe mais hoje, sendo necessário recuperar o sentido grego de *techné* que remete a modos de perceber, ver, ouvir, ler, aprender novas linguagens, novas formas de expressão. Na sociedade da comunicação, as tecnologias produzem o mundo como imagem, e a técnica, portanto, vem recolocando o lugar da imagem, tanto na ciência, como na prática cotidiana, não mais como obstáculo, mas como uma nova possibilidade de se conhecer e de se construir o conhecimento visualmente.

As produções das crianças no blog

O blog é uma página da web onde um *weblogger*, também conhecido como *blogger* ou *blogueiro*, registra textos sobre assuntos que considera interessantes. O autor do blog adiciona a publicação mais recente, também chamada de *post*, no topo da página. Abaixo ou acima do *post*, podemos encontrar a data e a hora da publicação. Além disso, também é comum encontrarmos, abaixo de cada texto publicado, o nome ou o apelido do autor do blog. Dessa forma, os leitores podem acompanhar o blog lendo as publicações de forma cronologicamente inversa, ou seja, sempre da publicação mais recente para a mais antiga (NICOLACI, 2007, p.668).

A autora acima citada apresenta como funciona um blog e aponta que os blogs estão entre os mais recentes espaços textuais na rede. O sucesso dos blogs, entretanto, não se deve apenas às facilidades na confecção e na manutenção. O link chamado “comentários” também foi um dos grandes responsáveis pelo êxito e popularidade dos blogs. Os escritores também

podem responder aos comentários dos leitores e interagir com eles e os comentários vão sendo acumulados em ordem cronologicamente inversa e podem ser lidos não somente pelo autor do blog, mas também por qualquer usuário que clicar no link e abrir a janela dos comentários (NICOLACI, 2007).

No espaço do blog UINHO, a proposta não era sugerir temas às crianças blogueiras que escreviam semanalmente no blog. A cada semana, cada uma das crianças podia enviar o assunto que desejasse para a postagem (publicação no blog). Os textos eram revisados apenas o estritamente necessário relativo ao português pelas editoras do blog. Tive acesso aos textos originais e aos revisados e percebi que as mudanças feitas eram bem pequenas interferindo muito pouco na escrita da criança. Por esse motivo, mantive a análise dos textos publicados diretamente no blog como esses apresentados a seguir²:

Os aviões (postagem 1)

Os aviões são ótimos transportes, mas têm seus problemas... Eles são muito úteis para viagens, transferências, explorações e muitas outras, só que não "ligamos" para a poluição que fazem.

O avião polui o ar, destrói a camada de ozônio e faz a Terra ficar cada vez mais quente. É gostoso esse clima para ir na praia, na piscina, né? Mas isso pode matar a todos. Segundo cientistas, daqui a 100 anos a temperatura pode aumentar até 3 graus!!! Vai ter que escolher: poluir ou sofrer?

(post de Daniel - 8/3/2007)

Leitura (postagem 2)

Oi, pessoal! O assunto de hoje é leitura.

Nada melhor do que ler um bom livro, não é mesmo? Eu adoro.

Já li Harry Potter, Desventuras em Série, As Crônicas de Nárnia, Fronteiras do Universo, Deltora Quest, Eragon, As Crônicas de Spiderwick, Artemis Fowl, Sítio do Pica-Pau Amarelo, Salve-se Quem Puder, Menino Maluquinho e Júlio Verne e aconselho vocês a fazerem o mesmo, se é que ainda não o fizeram.

Também já li um livro de Machado de Assis, que, em 2008, está completando 100 anos de falecimento. O título do livro é "Conto de Escola".

2 As postagens foram incluídas com a formatação que estão publicadas no blog sendo excluídas destas apenas as imagens das crianças.

A história de Harry Potter é a minha favorita. Ele tem que enfrentar o maior bruxo das trevas que já existiu, lorde Voldemort. Harry tem amigos que podem ajudá-lo nesse desafio.

Desventuras em Série é outra coleção de que eu gosto, em que três órfãos ricos viajam pelo mundo buscando alguém de sua família para cuidar deles. Só que o primo de sua mãe, conde Olaf, quer ficar com toda herança da família e mata todos os parentes que estão cuidando dos Baudelaire, para que os órfãos voltem a ficar com ele.

Gosto, também, das Crônicas de Nárnia, onde quatro irmãos se aventuram em um mundo mágico que tem animais falantes. O leão Aslam é o animal mais venerado, mais poderoso e mais sábio de Nárnia. Esses quatro irmãos enfrentam vários inimigos para salvar o reino de Nárnia.

Aí vai uma dica do livro que estou lendo: “1808”, Edição Juvenil Ilustrada, de Laurentino Gomes. Vale a pena conferir!

De que outros livros vocês gostam?

Tchau, até a próxima semana.

(post de Gustavo – 20/06/2008)

Para que serve um feriado? (postagem 3)

Você já parou pra pensar em quantas coisas dá para fazer num feriado? Neste domingo, eu pensei. E olha só o que eu tinha feito:

- festinha na minha casa com meus amigos de colégio (contação de histórias de terror, pipoca, piscina, fantasia)
- viajar pra cidade onde meus avós moram
- encontrar meu priminho que mora lá e ir ao parquinho com ele
- passear no shopping
- passar uma noite num hotel e tomar café da manhã lá
- comemorar o aniversário do vovô!
- conversar com a bisinha
- viajar de volta pra casa no meio de uma chuvarada

Então acho que é assim: o feriado serve pra gente poder fazer coisas diferentes, que durante a semana normal não dá – mesmo que esse "diferente" seja poder ficar em casa à toa, almoçar uma comida feita pela nossa mãe, dormir mais tarde ou então mais cedo.

Mas a semana normal também é legal porque tem um agito e uma organização que a gente precisa às vezes. Só que é bom, dentro dessa semana normal, trazer pra dentro dela o ar de novidade e de aventura e uma vida diferente que a gente experimenta ter no feriado, nem que seja só um pouco.

No feriado, por exemplo, a gente costuma ter um tempo mais à vontade, então dá pra reparar nas coisas melhor. Eu, por exemplo, fiquei olhando muito umas florzinhas que ficavam num lugar no meio do caminho da viagem que eu fiz. Elas eram normais e lindas. Quem sabe até existem na minha vizinhança? Olhem a foto que tirei!

E vocês? Pra que serve um feriado na época de vcs?

(post de Elisabetta – 5/11/2007)

Observando os posts/textos escritos pelas crianças, procurei analisar as diferenças na forma de apresentação das postagens e o uso de termos relativos ao blog na escrita, o tamanho das narrativas e as relações que transparecem em textos com diferentes suportes de narrativas aos quais têm acesso.

Em relação à forma de apresentação das postagens, percebo que os textos escritos pelas crianças, muitas vezes, não diferem do tipo de produção realizada na escola. Ao falar da forma como elas escrevem nos posts, trago os termos e modos de organização que apareceram na maior parte das postagens analisadas. Percebe-se que há sempre marcações nos textos feitas com diferentes cores. Tais marcações são feitas pelas crianças para destacar aspectos do texto, outras vezes as editoras ressaltam que elas marcam alguns trechos também (nas postagens citadas retirei as marcações). Esse é um aspecto que aparece em alguns textos sendo uma das marcas da forma de apresentação desse tipo de texto em outros de blogs de crianças ou adolescentes.

Várias postagens do bloguinho iniciam direto com o assunto, sem introdução anterior: “Os aviões são ótimos transportes” ou “Uma coisa séria que está acontecendo em nosso planeta é o aquecimento global” ou “Começa agora o Parapan-Americano” ou “Uma de minhas séries prediletas é...” (exemplo na postagem 1).

Outros posts iniciam com a apresentação do assunto a ser tratado no dia: “Hoje vou falar dos meus dois filmes preferidos...” ou “Hoje a gente vai conversar sobre conversa!” ou como Júlia inicia uma postagem “A maioria das pessoas já deve conhecer... [esse assunto]” ou o assunto da postagem é apresentado depois de um cumprimento ao leitor desta forma: “Oi, gente... Tô aqui de novo! Hoje eu resolvi falar de...” ou “Olá leitores do blog! Hoje, eu vou falar sobre...” (postagem 2).

Percebe-se, pela forma como escrevem nas postagens, que o texto escrito implica um diálogo com o leitor como aparece claramente expresso em alguns posts: “Você já parou pra pensar em quantas coisas dá para fazer num feriado?” ou “Este bebê que eu tô falando não é

um bebê em geral” ou “Por acaso, vocês têm de ser acordados quase todo dia de manhã, ou ficam naquele relax na cama?” questões ou afirmações que iniciam o texto remetendo ao assunto a ser tratado no post. (postagem 3) Tal aspecto de debate com o leitor faz parte da orientação dada pelas editoras do blogUINHO na reunião inicial com as crianças participantes:

Explicamos que é bom que os textos que elas escrevem para o bloguinho instiguem seus leitores, para que eles façam comentários no blog e, assim, surjam novas ideias. Por isso é comum que os blogueiros sempre façam um tipo de pergunta no final de cada texto, para chamar seus leitores para uma espécie de discussão. Sei que muitos novos textos das crianças já vieram de ideias de leitores no sistema de comentários. (trecho da entrevista concedida pela editora assistente do bloguinho)

Percebe-se que, em alguns posts há uma certa interação - mesmo que indireta - entre os temas escritos pelos outros blogueiros. Muitas vezes eles inspiram-se no que os outros blogueiros escreveram e dialogam com estes em suas postagens. É o que podemos perceber nos temas das postagens como as que trago resumidamente abaixo para mostrar esse diálogo “entre” posts:

O tema Rio, Cidade maravilhosa postado por Júlio é retomado diretamente na próxima postagem por Bárbara ao falar que o Rio não é só maravilhoso, tem a violência e o aquecimento global... Meio ambiente - retomado indiretamente por Thainá ao dizer que tem o problema da água que está acabando... e por Daniel que fala que os aviões destroem a camada de ozônio... Thainá retorna ao tema da cidade maravilhosa na semana seguinte para falar das maravilhas da cidade e fala do Romário como uma delas... (postagens do período de março/abril e maio de 2007)

O tema “Dicas” é trazido por Júlia que lista endereços de sites com jogos e dicas sobre eles, Max fala do desperdício dos bens: energia, água, papel... e dá dicas de como economizar..., Julia traz dicas de órgãos para colaborar com o meio ambiente..., Maria Ângela encerra a semana falando da economia de água dando dicas de como economizar também. Nitter fala dos cuidados nas férias e dicas para quem for ficar no campo, na cidade, se for viajar... Julia despede-se do blog e dá dicas para os próximos blogueiros quando estiverem com dúvidas na hora de escrever... (postagens do período de junho, julho e agosto de 2007)

O tema dos Livros e leitura é trazido por Tom que fala de alguns livros que gostou de ler, fala que gosta muito de jogos eletrônicos e livros de aventura e fala do livro “Marcelo, martelo, marmelo” de Ruth Rocha, Giovana retoma diretamente o tema falando de passatempos e trazendo um livro cheio deles, Tom retorna ao tema na próxima postagem apresentando um livro chamado: o porquê das coisas, Thainá continua o diálogo e conta que se inspira numa coleção de livros que eram da sua mãe chamado “enrola e desenrola” que tem vários finais, Tom dialoga ainda dentro do tema dizendo que está lendo a coleção “mortos de fama” que fala sobre pessoas famosas e fala sobre partes

fáceis e difíceis dos livros dizendo que recomenda a leitura, Thainá fala do que pensou quando leu trecho do livro “O menino Marrom” e até escreveu ao autor pelo site, Gilliard fala da leitura e de suas ideias para “melhorar a leitura” e traz algo que fez na escola quando sorteavam livros para ler na biblioteca e faziam trabalhos... (postagens do período de março, abril e maio de 2008)

Dessa maneira, percebe-se que o dialogar sobre um tema, na troca de opiniões entre elas ou com os leitores é a tônica dos textos publicados pelas crianças no blog. Vemos, então, que a escrita nos posts oscila entre aspectos de formalidade, quando iniciam com um assunto de maneira imparcial, distante, como ocorre na escrita dos jornais (caso da postagem 1) e, de informalidade, quando buscam falar do “hoje” e familiarizar-se com o leitor na busca desse diálogo (como na postagem 3). Na informalidade utilizam expressões próprias da escrita na internet como o “há, há, há!” para indicar risos, “Grunf”, reticências, mas tais usos não interferem na escrita, como ocorre na escrita abreviada do MSN que faz também uso dos emoticons. Os posts são escritos na perspectiva da cultura letrada, utilizando as normas da língua culta tendo apenas um caráter maior de informalidade.

As postagens que iniciam em formato diferente das apresentadas anteriormente usam verbos no passado remetendo a situações vividas: “Fui na Bienal na quarta-feira e ontem também” ou “Ontem precisei ir com a mamãe no trabalho dela” ou como é o caso dessa próxima postagem. As partes em negrito foram grifadas dessa forma no texto pela criança trazendo além dos grifos diferentes cores.

Dois cachorros e uma galinha

No último passeio da minha turma, fizemos uma parada na Quinta da Boa Vista. Chegando lá, nós começamos a brincar em um espaço definido. Mas uma hora, **um amigo meu chamado João Pedro foi além do definido, e alguns minutos depois ele voltou correndo com um cachorro perseguindo ele.** O cachorro, que se chamava Gabriel, ficou agarrando o João! Mas o cachorro agarrava mesmo! Ele se levantava com as patas de trás, ficava de pé, e agarrava o colega com as duas patas da frente. Um tempo depois, o cachorro mudou de vítima e foi para cima do Bernardo.

Mas como o cachorro conseguia fazer isso? Por que ele fez isso? E por que foi bem para cima do Bê e do João?

A turma toda se reuniu e chegou às seguintes conclusões: **ele era muito carente, sem dono, e dão ele tinha guardado toda essa energia para ir para cima das pessoas.** Além disso, estava na época dos cachorros fazerem o acasalamento com uma cadela, para se reproduzir.

Mas por que bem com o Bê e João Pedro? Simples. O João tem um cachorro chamado Rex. Ele poderia ter brincado com o Rex de manhã e ter ido para a escola com o cheiro do cachorro. Agora, já o Bê não dá para entender. Ele teve uma cadela, mas ela foi embora da casa dele no ano passado! Como ele pode ter ficado com o cheiro dela? Mistério. Talvez a despedida tenha sido dramática e a roupa que ela lambeu pela última vez ele nunca mais tenha lavado. Coitado mesmo foi do João que teve que ficar debaixo de uma toalha o tempo todo para não atrair o cachorro!

Esse acontecimento me lembra uma outra história que envolveu um cachorro. Aconteceu lá na fronteira do Brasil com a Argentina. No táxi, quando nós estávamos passando pela fronteira, **vimos um cachorro preso por uma corda em um poste e que parecia meio triste.** Daí, o Paulo, meu irmão, falou que sabia porque o cachorro estava assim: **“Vai ver que ele não tem passaporte”.** Ha ha ha ha! Foi bem engraçado!

E, para finalizar, minha mãe me contou uma história que aconteceu com ela quando era pequena. Naquele tempo as pessoas podiam comprar galinha morta ou viva! **Um dia a minha avó resolveu comprar uma galinha viva, mas, quando ela chegou em casa com a vítima, ninguém queria abater a coitada.** Daí arrumaram um lugar para ela ficar: o banheiro da empregada. Deram até nome para ela! Foi uma situação e tanto. Ninguém comeu galinha por um bom tempo naquela casa!

Vocês já passaram por uma situação maluca ou engraçada como essas??? Comentem!!!

Um abraço e até a semana que vem,

Tom (*post* de 20/05/2008 – grifos do autor da postagem)

Percebe-se que neste último post predomina a narrativa, o contar de situações vividas, enquanto nas anteriores predomina o viés informativo. Os textos escritos pelas crianças, em geral, não ultrapassam uma página digitada. Esse é, inclusive, o tamanho padrão dos posts na maioria dos blogs que são caracterizados por textos breves publicados diariamente.

De acordo com a produção geral desse grupo de crianças blogueiras, pode-se perceber que não aparecem no formato de texto dos posts referências a diferentes suportes de leituras como posts em formatos de um programa de TV, um livro em capítulos, um desenho etc. As crianças percebem que a proposta do blog não é contar histórias no estilo do “era uma vez” já que essa referência nem é usada por eles e muito menos contar histórias inventadas, artifício usado por pouquíssimos como é o caso de Tom. Em seus posts falam da realidade, de acontecimentos atuais, do “hoje”. Não é a toa que o “hoje” que denota o presente está textualmente escrito em boa parte dos posts deles. A forma de contar é na ótica do jornal, usando um viés de escrita mais jornalístico.

A presença de listas é freqüente. Listam filmes que gostam, livros que leram, locais em que foram, jogos que conhecem, coisas que gostam ou não, times que venceram copas, viagens que fizeram, entre outras coisas. O predomínio das listas ao falarem desde experiências pessoais até informações em geral parece demonstrar uma lógica jornalística da quantidade de informação. Dessa maneira, ao contarem algo, parece que nem sempre interessa trazer detalhes do que viveram nos lugares.

Nos textos elaborados por eles a imagem é, na maioria das vezes, uma imagem retirada da própria internet como a imagem de livros, filmes ou jogos de que falam no post. Outras vezes a imagem utilizada é uma foto deles em alguma situação vivida. Tais imagens que sempre acompanham as postagens não foram trazidas aqui.

As crianças demonstram ter entendido bem a lógica da escrita no blog em que escrevem para vários “outros”. As crianças autoras dos posts sabem que serão lidas por várias e diferentes pessoas, e que algumas dessas pessoas farão comentários a respeito de seu post. Escrever para muitos leitores pode também trazer essa dimensão diferencial da busca de assuntos que agradem a uma maioria, ou a compreensão do que buscam as pessoas que lêem um blog.

Nessa classificação das produções das crianças blogueiras, percebeu-se que dos 75 textos produzidos cerca de 40 deles tinham um viés mais informativo. As crianças blogueiras têm consciência disso e reconhecem não ter contado histórias no blog. Como afirma uma das crianças “são só coisas escritas, não são histórias”. Uma exceção a esse fato é o Tom que afirma:

Contei várias histórias no blog, a maioria sobre o cotidiano e no jeito das pessoas falarem. A história que eu mais gostei de contar foi a do “meu irmão diz cada uma...”

(Tom- bloguinho)

Meu irmão diz cada uma...

Olá, pessoal,

Eu tenho um irmão de 5 anos que se chama Paulo. Nós dois somos muito diferentes. Ele é ruivo e eu sou moreno. Eu sou meio calmo (bem, nem sempre), ele é bem ativo. Nós somos muito amigos e eu me divirto muito com ele.

Ele às vezes fala algumas frases/palavras bem engraçadas. Quando o Paulo tinha 3 anos, nós fomos para Tiradentes e ele cismou que a gente estava em “Escola de dentes”. Foi aí que começou essa língua doida.

Outra vez nós fomos para Visconde de Mauá e ele quis chamar de “Se Esconde de Mauá”. Até que faz sentido, nós sempre vamos para lá para nos escondermos do barulho e da movimentação da cidade grande.

Mas o meu favorito é o "fio de pombo" que quer dizer, na verdade, o fio de eletricidade. Quando ele chegou lá em Mauá, disse:

- Ué?! Em "Se Esconde de Mauá" tem fio de pombo sem pombo!?!

Mais uma da lista é o que ele chama de “arvore de ilha”. O que é? Se falou coqueiro, acertou!

E”rosbife” no almoço? A gente demorou muito para adivinhar que o que ele queria mesmo era “arroz com bife”.

É realmente muito engraçado o que as crianças pequenas falam sem querer. Vocês já ouviram alguma palavra ou frase assim? Um bom livro que fala disso se chama “Marcelo, Marmelo martelo” de Ruth Rocha. O Paulo adora.

Pena que o Paulo agora já fala quase tudo certo...

Como eu gostava das palavras que ele inventava. Era tão engraçado...

Abraços e até a semana que vem.

Tom (post 11/3/2008 – os grifos são do autor da postagem)

Da mesma forma chamou-me a atenção alguns posts que narravam experiências vividas de forma informativa, sem trazer o diferencial dos sentimentos e impressões a respeito da experiência vivida. É o que nos parece em posts assim:

Diário de viagem

Oi gente! Tudo bom com vocês?Hoje eu vou falar sobre a viagem que eu fiz para Nova York e Washington. (A viagem foi muito boa, por isso, vou listar algumas coisas que eu fiz e adorei durante a minha visita).

Nova York

- M & M World (loja muuito grande do M & M)... toda colorida !
- Madison Square Garden (estádio)...assisti a um jogo de basquete da NBA!
- Central Park.....patinei no gelo !
- Grand Station Center Terminal (uma estação de trem enooooorme)
- Empire State Buildingse vê Nova York toda !
- Ground Zero (onde ficavam as Torres Gêmeas)
- Broadway (teatro)...assisti Mamma Mia e Hairspray.....maravilhosas!
- Time Square.....muita luz!
- Toys “R” Us (loja de brinquedos que tem até uma roda gigante dentro)

Washington:

- Madame Tussaud (museu de cera).....muito incrível!

- Museu do Holocausto.....muito triste !
 - Museu aeroespacial.....incrível !
 - Georgetown.....movimentadíssimo !
 - The Capitol.....muito bonito !
 - Casa Branca.....muita segurança !
- E é isso! Tiveram várias coisas muito boas que eu fiz na viagem!
- Laura (post – 19/02/2008 –os grifos são da autora do blog)

Viegas (2005, p. 43) afirma que os relatos percebidos na atualidade caracterizam-se pela fragmentação e descontinuidade, mesmo em obras impressas, vindo tais tecnologias apenas servir de alicerce para este sentir. Espatifados, os novos relatos articulam-se – em sua descontinuidade – pelo fluxo, cujas regras básicas são a redução dos componentes narrativos, a predominância do ritmo e a hegemonia da experimentação tecnológica, com efeitos sofisticados sobre o desenvolvimento mínimo da história.

Por isso, provavelmente, as crianças preferem redigir narrativas abreviadas e fragmentadas identificadas com a linguagem audiovisual. Tom, um dos blogueiros, nos dá uma ideia do porquê dessa preferência em relação à forma de viver o tempo de hoje:

Por acaso, vocês têm de ser acordados quase todo dia de manhã, ou ficam naquele relax na cama? Vocês fazem tudo corrido porque têm muito compromisso e pouco tempo, ou pouca coisa para fazer e muuuuito tempo? Pois eu (e acho que muitas crianças do mundo) tenho um dia mais corrido do que piloto de F1! Parece até que eu já estou trabalhando e eu ainda tô no meio do ensino fundamental!

(trecho de postagem de 1/4/2008- grifos do autor do blog)

A dimensão que o tempo adquire hoje, tão bem expressa pela criança, é um dos aspectos que interfere nos modos de ser contemporâneos e que afeta a maneira de ser narrador: viver “tudo ao mesmo tempo” é uma coisa, outra coisa é relatar por escrito, num instante comprimido, tudo o que se vive ao mesmo tempo.

O sentido de ser blogueiro para as crianças

Os sentidos dessa experiência de escrita são trazidos por várias crianças que apontam que foi no blog que viveram, pela primeira vez, a experiência de, ao escreverem, poderem ser lidos por qualquer um, como é trazido por esse blogueiro nesse trecho de sua postagem de despedida:

Ser blogueiro é conversar com as pessoas sem estar perto delas, isso através da imaginação com histórias e fatos do dia-a-dia. Aí a gente espera que todos leiam e gostem, mas, se não gostarem, podem fazer suas críticas através de comentários, o que também é muito positivo. O blogueiro se sente importante, mas tem a responsabilidade de ser criativo e verdadeiro. (Daniel – 31/05/2007)

Aprendi como é difícil ser jornalista e escritor: estar sempre por dentro das notícias e ter criatividade para agradar os leitores. (Gustavo - 29/08/2008)

Assim como Daniel fala de sua experiência de blogueiro traduzida pelo “conversar com as pessoas sem estar perto delas”, Nicolaci e Di Luccio (2007) afirmam que indubitavelmente, um dos aspectos mais inovadores da tela do computador como suporte textual é a possibilidade de interação leitores-escritores conectados em rede. Essa dimensão da “conversa com os leitores” apontada por Daniel e do “ter criatividade para agradá-los” trazida por Gustavo chamou minha atenção e me fez buscar a relação deles, blogueiros, com tais leitores a partir dos comentários ou mesmo a partir dos leitores que eles imaginam serem seus leitores potenciais. O fato de ter que “agradar leitores” ou “conversar com eles” modifica o texto? Estariam essas crianças blogueiras escrevendo somente o que achavam que os leitores gostariam de ler?

Em entrevista procurei saber a relação entre os seus posts e os comentários para perceber as relações das crianças com os comentários em sua produção.

Sim! É muito importante saber da opinião dos leitores, porque com isso, eu consigo saber o que está agradando ou não. (...) É sempre legal ter bastantes comentários, na maioria das vezes isso representava que você estava agradando, e quando você escreve, é sempre bom quando as pessoas lêem, e é claro que todos gostam de receber elogios! (Laura)

As vezes, realmente, ficava triste porque fulano recebeu 28 comentários e eu só 5. Mas é muito difícil alguém receber vinte e tantos comentários críticos. Se for ver, mais que a maioria é da vovó ou da titia que tá falando que amou o blog, beijos e tchau. Aí, vejo que os meus blogs são de pessoas que eu nunca vi na vida dando dicas de o que pode melhorar e etc.. Acho sinceramente, que um comentário como esses, vale mais que trinta comentários de vovó e titia. (Tom)

É bem legal ver o que as pessoas acham do seu texto (...) porque parece que as pessoas gostam mais do seu post quando comentam, mas eu não fazia meus posts a partir de comentários! Eu não tenho muita certeza, mas acho que [os comentários acontecem] pela opinião do leitor, se o leitor acha interessante, ele comenta, se não ele não acha não comenta! [quando não tem comentários] a gente fica meio chateado, porque não sabe se as pessoas leram o que você escreveu e não sabe se elas gostaram! (Julia)

Por essas opiniões percebe-se que os comentários são importantes dentro da dinâmica do post porque demonstram que “as pessoas leram” o que cada um escreveu e porque, afinal, “é legal ver o que acharam do seu texto”. Escreve-se no blog para ser lido. Ao mesmo tempo em que mostram que os comentários são esperados, quando Tom afirma que inicialmente ficava triste quando via que outro “recebia vinte e oito comentários e ele só recebeu cinco”, ponderam que percebem que certos comentários que são só elogios de pessoas conhecidas não são tão válidos como os de dicas e comentários de desconhecidos. Julia exemplifica essa questão dizendo que na maioria das vezes “as pessoas comentam quando gostam e, quando não gostam não comentam”. Os comentários, de acordo com ela, mostram o quanto você “agradou os leitores”. Julia afirma também que não fazia seus posts a partir de comentários, mesmo que eles estivessem implícitos nesse processo de produção escrita e todos os blogueiros esperassem por eles em seus posts. Na verdade essa “conversa de longe”, como aponta Daniel, atesta a presença dos leitores nessa comunicação e sendo assim, os comentários apenas reforçam que os posts escritos foram lidos. Quando os comentários não aconteciam estava implícita a ideia de não saber se os leitores tinham ou não gostado do que foi escrito, ou mesmo se esses leitores estavam participando desse “olhar junto” com as crianças, como se refere Santiago (1989) em relação à forma de narrar pós-moderna.

Essa é a razão pela qual Chartier (*apud* NICOLACI, 2002) afirma que leitores e autores se confundem e se fundem em um mesmo suporte material no contexto da internet. A tela e a internet fazem surgir espaços textuais públicos – como os fóruns de discussão, as famosas salas de batepapo, os espaços de trocas instantâneas de mensagem (como eram o ICQ e mais recentemente o MSN *Messenger* e outros espaços de troca de mensagens como o Whatsap), e os blogs – dos quais todos podem participar. Poucos desses ambientes, no entanto, são espaços para a divulgação, aberta a comentários e sugestões dos leitores, de textos que guardam alguma semelhança com textos impressos como crônicas, contos, romances, biografias, poesias já que a maioria dos espaços textuais públicos mencionados acima se caracteriza pela simples troca de mensagens. Um desses ambientes nos quais são divulgados textos completos que podem ser comentados pelos leitores é o dos blogs³.

As crianças demonstram que essa escrita para “o outro” é estimulante porque traz para a escrita uma dimensão comunicativa que não tem a escrita no papel. Talvez, por isso, escrever

3 Na época da pesquisa o facebook não era tão usado principalmente pelas crianças, já que hoje percebe-se perfis no facebook abertos em conjunto por pais para seus filhos em uso conjunto dos dois.

no blog seja mais interessante do que escrever no papel ou na escola. Situações como as vividas abaixo a partir de postagens não ocorrem quando escrevem textos no papel como traz a editora do blog:

O universo de leitores do site do Globo é enorme e sei que as crianças ficam surpresas com cada pessoa "de fora" que aparece por ali. Um exemplo: em um grupo de blogueiros passado, uma menina que escreveu sobre a China e o Tibet recebeu um comentário de um jornalista que também tem um blog no site do Globo, chamado "Repórter de crime", um dos blogs mais acessados no site, aliás. Ele fez questão de escrever um post em seu próprio blog sobre o assunto e citou a nossa blogueira, dando inclusive o link do post dela. Foi uma boa surpresa para ela. Tanto que, em seu último texto, a menina fez questão agradecer a ele pelo contato e pelo incentivo. (trecho da entrevista concedida pela editora assistente do bloguinho)

Nicolaci questiona: a revolução digital realmente fez surgir mesmo um novo tipo de relacionamento entre escritores e leitores? Estarão os leitores, através de seus comentários, críticas e sugestões, de fato participando da produção dos textos que circulam on-line? A autora analisa em sua pesquisa sobre blogs a constatação de que há uma falta de diálogo entre os seus entrevistados (blogueiros) e os leitores, levantando a possibilidade disto residir no fato de que ainda não nos encontramos – eles e nós – muito distantes da cultura impressa, esta que, como sabemos, tem, como uma de suas características, o fato de produzir textos que são intocáveis uma vez prontos, e que vêm sistematicamente migrando para a tela de forma “fixa” (a autora aponta que isso pode ser facilmente observado nos inúmeros jornais on-line, nos artigos científicos disponibilizados em bibliotecas e periódicos virtuais, nos documentos salvos em formato PDF de forma a não poderem ser alterados etc.). Juntamente a essa cultura, vêm as definições - segundo **Nicolaci** - do que é ser um escritor e do que é ser um leitor, bem como suas atribuições de autoridade ao primeiro e de (relativa) receptividade ao segundo. Vêm também as expectativas de que leitores geralmente se manifestam para elogiar e são mal recebidos pelos escritores quando criticam.

Podemos dizer que talvez essa questão apontada por **Nicolaci** da aparente falta de diálogo traga, como ela afirma, essas marcas de nossa forte relação com a cultura escrita que privilegia o autor em detrimento do leitor, mas pode-se também pensar que **Nicolaci** esteja entendendo o diálogo do ponto de vista da narrativa tradicional, nesse entendimento do diálogo com um vínculo maior com o contexto vivido. Se procurarmos entender o diálogo a partir da narrativa pós-moderna, de que nos fala Santiago, veremos que nesse novo contexto assim como muda a forma de contar também muda a forma de dialogar. Conto para quem “olha junto

comigo” e que corrobora o que estou vendo, isso porque vê a partir do meu olhar. Sendo assim, o autor não espera retribuição do olhar de quem viu diferente, mas de quem acompanhou, junto com ele, o percurso do seu olhar. Talvez por isso, as críticas não apareçam, porque os que não acompanham esse olhar ou não lêem, ou lêem e não comentam. É talvez por essa falta do olhar do outro, que as crianças blogueiras que tinham blogs pessoais optaram por interrompê-los, como mostra uma delas:

Já tive alguns blogs, um foi escrito com uma amiga e não tinha leitores por isso terminou, outro eu fiz com outra amiga e também não funcionou, pois ninguém lia. Meus blogs todos terminaram pelo fato de não terem leitores algum. O endereço do meu último blog é sei lá milhões de coisas. blogspot.com (Laura)

Escrever para os outros traz um outro sentido à escrita. Por vezes, a escrita dos posts também ampliava as redes de relações e amizade, como comenta Gabrielle numa de suas postagens:

Ser blogueira está me trazendo muitas vantagens. No último sábado, dia 26/07 a Thalita (autora de livros infanto-juvenis) participou de uma tarde de autógrafos na livraria Nobel no Recreio Shopping. E eu, como fã muito bem informada, fui lá conferir! Para ter a certeza de que eu conseguiria vê-la, cheguei meia hora antes dela! Obviamente fui a primeira da fila e adivinhem só o que aconteceu quando ela me viu? ELA ME RECONHECEU!!!!!! Disse que sabia que eu era fã dela (pelo post) e que tinha tentado me avisar que ela estaria lá! Eu fiquei super-hiper- ultra- mega- power feliz!!!! (Gabriele, 30/07/2008 – grifos da autora)

Como argumenta Martin-Barbero (2000, p.86)

Estamos diante de uma geração [...] que experimenta uma forte empatia com o idioma das novas tecnologias e que crescentemente gosta mais de escrever no computador do que no papel. [...] respondem com uma intimidade feita não só da facilidade para relacionar-se com as tecnologias audiovisuais e informáticas, mas da cumplicidade cognitiva e expressiva: é nos relatos e imagens, nas suas sonoridades, fragmentações e velocidades que encontram seu ritmo, seu idioma.

Conclusão

Pelo que percebemos nas falas e produções das crianças, a narrativa hoje é composta por todas as linguagens que fazem parte do modo como “contamos algo a alguém” seja oralmente, por escrito, por meio de imagens - presencialmente ou via internet. A escrita, no entanto, mesmo não sendo a forma preferida, é a mais valorizada num contexto de troca e

comunicação via internet, o que não exclui as complexidades de lidar com ela nesse processo de troca com os leitores.

Parece que a cada nova mudança de suporte, tem-se um novo contexto em que se perde e se ganha. Mas uma coisa é certa: parece-nos que o livro e a escrita nunca deixarão de ser, como diz Martin-Barbero, “a chave da primeira alfabetização”, já que sem ela não podemos caminhar pelos demais suportes e linguagens. O autor, no entanto, nos traz um desafio:

Nos inícios do século XXI aprender a ler os textos audiovisuais e os hipertextos é condição indispensável da vigência e do futuro dos livros – já que são os livros que nos ajudam a orientar-nos no mundo das imagens e a presença de imagens nos faz ter necessidade de ler livros. (Martin-Barbero, 2002)

Estaremos através das mídias compartilhando nossas “ideias azuis” antes guardadas como no conto de Marina Colassanti? Seria o blog e outros espaços on-line (como temos atualmente o facebook) locais de novas narrativas na ótica do narrador pós-moderno como nos faz pensar Silviano Santiago? Estaríamos vivendo uma nova forma de experiência coletiva (na ótica da narrativa de Benjamin), mas que se constrói de forma fragmentada, conectada diferentemente com “o outro”? Estaríamos vivendo um espaço cultural híbrido “entre” narrativas tradicional e pós-moderna?

Finalizo com uma citação de Girardello (2005):

Chacoalhemos o lugar-comum segundo o qual não há tempo para histórias em nossa cultura acelerada. A televisão, por exemplo, é um meio narrativo por excelência: cada capítulo de novela, episódio de desenho, sitcom americano, (...) notícia de telejornal, videoclip e confissão pentecostal conta histórias. Cada propaganda de banco, carro e seguro; de iogurte, sorvete e autorama, também. Há quem diga que nossa espécie deveria se chamar de homo narrans, dada a centralidade da forma narrativa na organização da experiência humana. Contar e ouvir histórias são necessidades humanas presentes em todas as culturas, ainda que nas formas e suportes tecnológicos mais variados. (on-line)

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. **Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

COLASSANTI, Marina. A moça tecelã. In: _____. **Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento**. Rio de Janeiro: Global, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2.ed., 2ª reimpressão, 2007.

GIRARDELLO, GILKA. **Tevê, Narração Oral de Histórias e o Imaginário Infantil**. Florianópolis, NET, Disponível no site: http://www.ilea.ufrgs.br/ppgcom/professores/nucleos/conesul/tev_crian/tevcri_tex09.htm
Acesso em: 2005

MARTIM- BARBERO, Jesus. Jóvenes: comunicación e identidad. **Revista de Cultura/ Pensar Ibero-américa-** n.0 – Fevereiro, 2002. Disponível em: <http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric00a03.htm> Acesso em 2006.

MARTIN-BARBERO, Jesus; REY, German. **Experiência audiovisual e desordem cultural**. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Transformaciones comunicativas y tecnologicas de lo publico**. Palestra apresentada no IV Encuentro Iberoamericano del Tercer Sector “Lo público: una pregunta desde la sociedad civil”, Cartagena, 2000. Disponível no site: <http://www.mediaciones.net/2001/01/transformaciones-comunicativas-y-tecnologicas-de-lo-publico/> Acesso em 2008.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria, DILUCCIO, Flávia. Escritores de blogs: interagindo com os leitores ou apenas ouvindo ecos? **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, dez. 2007, v. 27, n. 4, 2007, NET, Disponível no site http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-8932007001200008&lng=pt&nrm=iso Acesso em outubro de 2008.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: _____. **Nas malhas da letra: ensaios /**. São Paulo: Companhia das Letras 1989.

VIEGAS, Claudia. Da página à tela – ou vice-versa. **Revista ALCEU** - v.4 - n.8 - p. 39 a 50 - jan./jun. 2004. Disponível em: <http://publique.rdc.pucrio.br/revistaalceu/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=1&infoid=89&sid=17> Acesso em: 22 ago 2007.

Submetido para avaliação em 23/05/2012